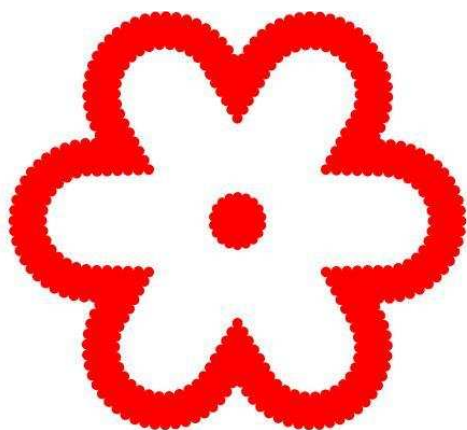


BORDADO DE GUIMARÃES

Caderno de
especificações





Toalha de mesa, pormenor
Século XX, 2º quartel

O caderno de especificações sobre o Bordado de Guimarães é o documento normativo e regulador que caracteriza este tipo de bordado e que permitirá, a quem actualmente borda e a quem pretenda vira bordar, conhecer as suas características específicas e os parâmetros de qualidade e de genuinidade pelos quais este se rege.

A orgânica deste caderno de especificações do bordado de Guimarães segue de muito perto o estipulado na Proposta de Decreto-Lei sobre a certificação do artesanato.

1.Nome ou denominação de venda do produto



A Oficina, CIPRL, entidade promotora de certificação do Bordado de Guimarães, apresentou ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial, em 03 de Abril de 2006, o pedido de Registo da Indicação Geográfica “Bordado de Guimarães”, pedido esse que foi publicado no Boletim da Propriedade Industrial em Maio de 2006. Trata-se de uma marca composta de símbolo e denominação, cujo manual de identidade gráfica foi igualmente remetido ao INPI.

2. Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respectiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante

O bordado que hoje designamos como bordado de Guimarães, nasceu do mesmo modo que muitos outros produtos e designações de produtos – fruto da vontade dos homens e das condições do território que o viu nascer.

Como sucede com outras obras colectivas, sejam elas alimentares ou artefactos utilitários, é difícil definir-lhe a hora e o local exactos de nascimento e, ainda menos, conhecer-lhe a paternidade. Diga-mos que o bordado de Guimarães, tal como muitos outros produtos regionais portugueses é fruto de um conjunto vasto de factores, que se foram conjugando no tempo e no espaço e que contribuíram para que, hoje e aqui, ele mereça o nosso olhar atento e o nosso afecto.

Guimarães foi terra propícia à fixação dos homens. O território permitiu, para além do cultivo dos produtos essenciais para a alimentação, o desenvolvimento de uma série de indústrias também necessárias à vida das populações. No burgo vimaranense e nos seus arredores habitavam variados mesteres – ferreiros, oleiros, ourives, sapateiros, cutileiros, curtidores, tecelões, espingardeiros, pedreiros, escultores... – os quais, a par de uma nobreza e clero influentes, fizeram de Guimarães um entreposto comercial de certa importância.



Toalha de rosto, pormenor
Ca. de 1860

Podemos afirmar que o bordado de Guimarães é antes de mais produto de um território fértil em águas e em terras úberes para receberem o cultivo do linho. De facto, a riqueza natural do território vimaranense vai ser propícia à fixação do homem e é esse homem que vai encontrar, no seu engenho e neste território, os meios necessários ao cultivo do linho e à feitura do pano. Essas mesmas águas que alimentam um sem fim de rios e riachos também facilitaram o estabelecimento de engenhos do linho onde, desde tempos arcaicos, se produzia um bom pano que servia as terras vimaranenses e muitas outras por esse Norte fora.

O linho, como sabemos, é o suporte vulgarmente usado para conter o bordado de Guimarães. E, se ao linho em terras vimaranenses podemos apontar data longínqua (no foral dado por D. Henrique a Guimarães, em 1096, este já aparece referido), o mesmo não podemos afirmar quanto ao bordado. Encontramos referências documentais a tecidos bordados existentes em solo vimaranense desde o século X, mas, temos que esperar pelo final do século XIX, para encontrarmos a primeira referência documental a bordados feitos em solo vimaranense.

Não se faria, antes dessa data, bordado em Guimarães? É provável que sim, mas os documentos pouco nos contam. E, se pouco sabemos sobre o bordado feminino realizado em Guimarães antes do último quartel do século XIX, também pouco sabemos sobre o que se bordava, onde se bordava, quem bordava e como se bordava no resto do País.

O que subsiste de séculos anteriores é geralmente peças de traje civil, mas principalmente paramentaria religiosa, de um modo geral ricamente bordadas e feitas por mestres tecelões nacionais e estrangeiros. Poucos vestígios chegaram até nós, quer do traje civil usado pelo povo e pela burguesia de menores posses, quer da roupa doméstica usada no lar de cada um. Estes têxteis, se até nós houveram chegado em maior quantidade, poderiam dar-nos a conhecer o que era o bordado feminino desses tempos, em que ocupavam as mãos as senhoras das diversas classes sociais de então.

Mas, se não existe nenhum exemplar bordado, há pelo menos alguma referência documental ao que hoje designamos como bordado de Guimarães? Não, não há. Até porque, como constataremos de seguida, o «bordado de Guimarães» parece só começar a ganhar alma no final do século XIX, início do século XX. É só nessa altura que encontramos as suas raízes.

Quer-nos parecer que o bordado de Guimarães entronca no que designamos por «bordado rico», ou seja, um bordado executado a linha branca normalmente sobre pano de linho cru e fino, por vezes de origem estrangeira, e no qual são utilizados diversos pontos minuciosa e delicadamente bordados por mãos femininas bem treinadas. O termo «bordado rico» é usado ainda hoje pelas bordadeiras vimaranenses, querendo com ele fazer a distinção entre o bordado atrás descrito – o «bordado rico», e o bordado popular, executado pelo povo e para o povo. Este «bordado rico» português, em que eram feitos os bragais das jovens casadoiras da burguesia e da nobreza endinheirada oitocentista, fazia-se e usava-se em todo o País, talvez com sentidas influências dos bordados de outros países europeus.

No entanto, até ao momento, está por fazer a história geral deste bordado rico português, a branco – os locais de produção, os modelos utilizados...

O bordado rico, executado por senhoras vimaranenses e destinado a ornamentar principalmente roupa de cama e roupa interior, esteve presente na Exposição Industrial de Guimarães, que decorreu na cidade, em 1884, e que é documentalmente referido em diversos textos. Mas, naquela exposição não foram expostas peças usadas pelo povo – a camisa do lavrador, a camisa e o colete de «rabichos» (também designados «rabos») da lavradeira. Na exposição industrial apareceu apenas o «bordado rico», e, é a este e aos seus pontos que julgamos ter ido o «bordado de Guimarães» beber influências.

Na sua origem documentada, que podemos situar no final do século XIX início do século XX, o bordado de Guimarães, que nestes seus primórdios talvez fosse preferível designar por «bordado popular de Guimarães» vai ser utilizado principalmente no traje do povo. Vai ornamentar a camisa de linho do lavrador, numa zona muito específica, o *peitilho*, bordado profusamente à cor branca, e complementado pela utilização da cor vermelha no nome bordado na ratoeira ou tabuleta. Era vulgar o nome bordado na tabuleta ser executado a ponto de cruz e não em bordado de Guimarães.



Colete de «rabos» de mulher
Século XX, 1º quartel



Camisa de homem
Século XX, 1º quartel

O Bordado popular de Guimarães vai também ornamentar quer a camisa da mulher rural (usando-se linha de cor branca, mas podendo também ser bordada no peitilho, com a mistura de bordado a branco e a vermelho, esta última cor apenas num ou outro motivo) quer o seu colete de rabos (usando-se neste caso, isoladamente, a cor vermelha, azul, ou preta).

Neste bordado – que como vemos podia ser por vezes bordado a duas cores (mas apenas no caso das camisas) –, eram usadas as cores branca, bege, vermelha, azul e preta (cor usada na colete de rabos caso a mulher fosse viúva), de belo efeito decorativo mas sem grande rigor de execução, utilizando-se pontos do dito «bordado rico» e preenchendo-se, por vezes, quase completamente o tecido.

Haveria este bordado antes do final do século XIX início do século XX? Desconhecemos. Como já atrás referimos o bordado popular vimaranense anterior ao final do século XIX não chegou até nós. Ao serviço de classes sociais de menores recursos, o traje bordado, a existir, foi usado enquanto foi possível e, em muitos casos, acompanhou o seu dono até à tumba.

Por outro lado, quer-nos parecer que o bordado popular de Guimarães, no qual entronca directamente o «bordado de Guimarães», deve ter surgido com a vulgarização da linha de algodão, o que sucede na 2.^a metade do século XIX e corresponde à implementação da indústria têxtil em Guimarães. O algodão substitui, provavelmente, o bordado a lã, e isto, por vários motivos – resiste muito melhor ao uso, e conserva-se durante mais tempo.

Utilizar-se-ia este bordado apenas no traje popular vimaranense ou seria ele também usado no traje rural dos concelhos em redor de Guimarães? Também para esta pergunta não temos resposta cabal, sendo certo que até ao momento não encontramos referências documentais a este tipo de bordado popular vimaranense a linha de algodão nos concelhos mais próximos como Braga, Famalicão, Póvoa de Lanhoso ou Barcelos, apesar de conhecermos uma camisa de homem bordada com bordado de Guimarães numa colecção particular de Braga, mas sem que seja possível dizer qual a sua proveniência de fabrico ou de uso. Talvez este modo de bordar a camisa do homem, e a camisa e o colete de rabos da mulher fosse também utilizado, por exemplo, em Felgueiras, cujo território e cujas gentes estão desde há muito anos ligados à cidade vimaranense e que sabemos produzirem, desde as primeiras décadas do século XX, o bordado de Guimarães. Quanto mais não seja, é difícil espalhar um tipo de bordado dentro de fronteiras criadas de modo administrativo. O mais certo é que o bordado que hoje designamos por bordado de Guimarães correspondesse ao gosto de uma região, de uma época, à moda no trajar e ao gosto pessoal de quem o usava. Por isso, se bem que seja seguro afirmar que o bordado de Guimarães se produzia no concelho de Guimarães, não é seguro dizer que a ele se confinava. Quanto mais valorizado é um produto – ou porque é moda, ou porque é interessante a sua relação qualidade preço, ou porque é interessante a relação uso/ergonomia –, maior é a sua área de influência.

Mas outras perguntas deverão ser feitas. O bordado de Guimarães apenas se aplicaria na camisa do homem, e na camisa e no colete de rabos da mulher? Não seria também utilizado para bordar outras peças? De novo os documentos e os bragais são mudos, ou quase mudos. Manuel de Melo Nunes Geraldês, em 1913, refere a produção do «bordado de Guimarães», a recheio e a crivo em Vila Cova da Lixa, Vila Fria e «sobretudo em Figueiró da Lixa, concelhos de Felgueiras e Amarante, precisando que aí faziam «o serviço completo de quarto (um lençol, uma toalha de rosto e quatro travesseiros), quer bordado em recheio, quer em crivo, trabalho que leva, termo médio, quinze dias a fazer».

De facto, a primeira referência conhecida ao termo «bordado de Guimarães» surge em 1913, no livro do autor acima citado. Mas, será que ele chama bordado de Guimarães ao bordado que encontramos nas camisas de lavrador, e nas camisas e nos coletes de rabichos da mulher?

É apenas na década de 40 do século XX que o «bordado de Guimarães» começa a merecer a atenção de estudiosos como A. L. de Carvalho, o qual dedica aos «bordados de Guimarães» várias páginas, referindo quer os bordados «em cheio» quer «em crivo», e apresentando diversos desenhos. O bordado de Guimarães começa a ganhar nome e a ele se passam a referir vários autores: Alfredo Guimarães, em 1940, sem contudo o designar como tal; Calvet de Magalhães, em 1956, que inclui no «bordado de Guimarães»: o bordado de crivo, o de canutilho, e o cheio; e Clementina Carneiro de Moura, em 1961. Esta autora informa que «os bordados apareceram no mercado não há muitos anos, mas a indústria local encontra-se em pleno desenvolvimento, o que é a prova de bom acolhimento que o público lhes faz. Actualmente estes bordados aparecem alguns só em branco; outros em cru e ainda outros em cinzento, todos eles de efeito discreto e agradável. Esta é a primeira e única autora que conhecemos a referir a utilização do cinzento no bordado de Guimarães. É de facto entre as décadas de 40 e 60 do século XX, depois de artigos como o de A. L. de Carvalho e de Maria Clementina de Moura, e da aprendizagem teórico-prática feita pelas alunas da Escola Francisco de Holanda no curso de Formação Feminina, no final dos anos 50, que se principia a teorização e a estabelecimento de normas para a execução do bordado de Guimarães. Começa nessa altura a buscar-se as características do bordado de Guimarães, a teorizar uma arte que era do povo e ao povo servia. É então que se lhe pesquisam tanto os motivos e os pontos que o caracterizam como aquilo que o torna diferente de outros bordados, por exemplo do bordado de Viana. É, de facto, uma época em que, em Portugal, se procura sintetizar o que se entende ser a «arte popular» de cada localidade ou região – o galo de Barcelos, o bordado de Viana do Castelo, as rendas de Vila do Conde, o bordado de Guimarães. Também sabemos que o «bordado de Guimarães» extravasa as fronteiras concelhias e é produzido, em quantidade não despidianda no concelho de Felgueiras. Nada que espante. Com outros produtos tem sucedido fenómeno semelhante: o artefacto produzido numa região mais vasta, adquire o nome de um local mais conhecido por todos e onde é mais comercializado (assim sucede com o Vinho do Porto ou com a alheira de Mirandela). Guimarães é terra de pergaminhos, terra de indústria, terra de comércio, terra rica, por isso, não se pode estranhar que, quando por motivos da industrialização oitocentista, as mulheres do mundo rural vimaranense começam a empregar-se nas fábricas, os comerciantes de Guimarães se virem para terras mais distantes e mais rurais – várias freguesias do concelho de Felgueiras – para encontrarem a mão-de-obra de que necessitavam para produzir o bordado de Guimarães, que possuía um mercado de venda consolidado – Porto, Lisboa e outros mercados ricos do País.

Já em 1913, Manuel de Melo Nunes Geraldês atenta nessa produção executada no concelho de Felgueiras: «Muito naturalmente perguntamos a nós próprios, porque se localizaria esta indústria nesta região tão pobre e retirada, que é Figueiró da Lixa. Achamos a resposta provável na vinda para aí de vimaranenses conhecedores desse género de trabalhos, e que, pelas menores exigências do meio, começaram de produzir mais barato, e como consequência a deslocação da indústria de Guimarães para ali». Deixou, por isto que atrás se indica, de ser este bordado, «bordado de Guimarães»? Não, de maneira nenhuma! Como tudo na vida, o bordado de Guimarães foi-se adaptando a novos usos e a nova clientela.

O bordado que hoje se produz em Guimarães, mas também em Felgueiras é a evolução do bordado popular usado nos trajes rurais vimaranenses, desde pelo menos o final do século XIX início do século XX, e que por sua vez foi influenciado pelo bordado rico oitocentista. Hoje o bordado de Guimarães, tem características bem definidas – nos materiais (suporte e linha), nos motivos, na gama de pontos utilizados, nas cores usadas isoladamente (branco, bege, azul, vermelho e cinzento), na perfeição do desenho e da execução – e um mercado seguro que se pretende venha a ser alargado.



3. Delimitação geográfica da área de produção

O bordado de Guimarães extravasa os limites do concelho vimaranense e produziu-se ou produz-se nos seguintes concelhos limítrofes: Guimarães, Braga, Fafe, Felgueiras, Póvoa de Lanhoso, Santo Tirso, Vila Nova de Famalicão, Vizela.

4. A identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas:

Na definição dos materiais que compõe o bordado de Guimarães consideraram-se dois aspectos: o suporte sobre o qual se borda e o fio usado para bordar. Mas, a principal característica do bordado de Guimarães encontra-se mais nos motivos do bordado, no tipo de fio e na sua cor do que nas características do suporte em que é bordado.

Suporte

Linho antigo ou linho industrial (sendo o mais vulgar o «Linho 20»), em toda a paleta que vai do bege ao branco.

Fio

Fio de algodão branco ou tingido e mercerizado dando-se como referência a DMC Perlé 8.

CORES DO FIO	DMC. FIO
Azul	796
Bege	644
Branco	-----
Cinza	415
Preto	310
Vermelho	321

Cor

As cores só poderão ser usadas em monocromia, como à frente se especifica.

5. Identificação das principais características físicas dos produtos

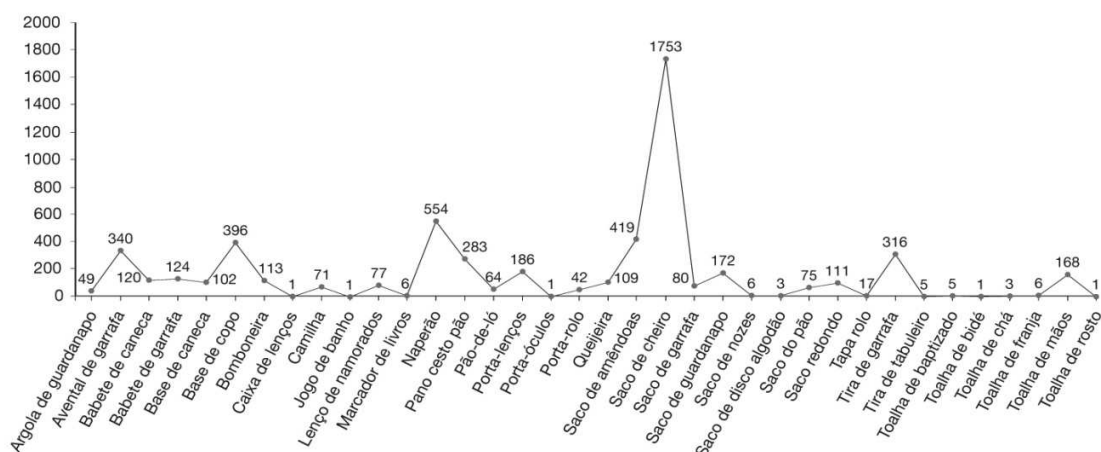
Começamos por explicar que o actual bordado de Guimarães se caracteriza por: Grande diversidade quanto às formas e às dimensões das peças bordadas; Desenho sempre simétrico de cariz geometrizado ou estilizado; Uso de vinte e um pontos diferentes; Motivos tão variados como, por exemplo, folhas, flores, grinaldas, corações, silvas;

O uso numa mesma peça de motivos sortidos, habilmente distribuídos de modo a formar um todo harmonioso;

A diversidade dos motivos usados cria uma grande diversidade de padrões e conduz a uma criatividade constante.

O bordado de Guimarães tem como suporte quase sempre um pano de linho que adquire dimensões muito diversas porque diversas são, também, as funções a que a peça bordada se destina. O gosto característico de cada época determina a tipologia e forma das peças. De um conjunto vasto de peças bordadas na actualidade aqui referimos, por ordem alfabética, as mais procuradas: Argola de guardanapo, avental de garrafa, babete de caneca, babete de garrafa, base de caneca, base de copo, bomboneira, caixa de lenços, camilha, jogo de banho, lenço de namorados, marcador de livros, naperão, pano de cesto do pão, pano para pão-de-ló, porta-lenços, porta-óculos, porta-roló, queijeira, saco de amêndoas, saco de cheiro, saco de garrafa, saco de guardanapo, saco de nozes, saco de disco de algodão, saco do pão, saco redondo, tapa-roló, tira de garrafa, tira de tabuleiro, toalha de baptizado, toalha de bidé, toalha de chá, toalha de franja, toalha de mãos e toalha de rosto.

Peças vendidas na loja “Oficina” 1997-2005. *Dados recolhidos e analisados por Alexandra Pacheco





Cores

O bordado de Guimarães, tradicionalmente, apenas pode ser executado com seis cores, usadas separadamente, nunca em conjunto. Note-se que este bordado não admite, em caso algum, a mistura de cores.

As cores do fio usadas no bordado são: azul, bege, branco, cinza, vermelho e preto.

6. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamento auxiliares

Técnica

O bordado de Guimarães caracteriza-se pelo uso dos vinte e um pontos abaixo referidos, sendo frequente a utilização de uma gama variada de pontos num mesmo bordado. Essa diversidade de pontos, aplicados com perícia, destreza e mão segura é que confere ao bordado o seu ser e a sua alma. Note-se também que apesar da variedade de pontos há um que é obrigatório no bordado de Guimarães – o ponto de canutilho, sendo o uso do ponto de gradinha recomendado.

Executam-se os seguintes pontos (pág. 18 a 23):

Areia, atrás, cadeia, canutilho, cheio, espinha, formiga, gradinha, ilhó de recorte, ilhó de rolinho, lançado, margarida, margarida dupla, nozinho, pé-de-flor, pé-de-flor duplo, pé-de-flor apanhado, pé-de-galo, pena simples, recorte e veludo.



O que caracteriza o bordado de Guimarães, para além do uso de uma grande variedade de pontos, é a forma como são executados. O bordado de Guimarães distingue-se, sobretudo, pelo trabalho dos pontos que confere relevo aos motivos e composições. Este factor é essencial para a singularidade deste bordado podendo classificar-se certos pontos que servem para delinear o desenho (exemplo do ponto de pé-de-flor, cadeia e formiga) e outros usados para o preencher (tais como o cheio, canutilho, nozinho e veludo). O ponto de cruz aparece-nos somente na *ratoeira* das camisas, cujo *peitilho* é profusamente decorado com bordado de Guimarães. Devido a este facto o mesmo só poderá ser aplicado nesta condição, perfazendo o monograma da *ratoeira* usada nas camisas, desde que o elemento seja acompanhado pelo *peitilho* composto por bordado de Guimarães (ver imagem na página 6).

Os motivos, tal como foi anteriormente referido, são de formato estilizado e geometrizado. Como podemos observar nas imagens das páginas 24 à 28, surge-nos um conjunto diversificado de motivos florais estilizados, bem como de carácter vegetalista ou geometrizado, sendo esta a base de trabalho das composições (pág. 29 a 34). O desenho das composições é normalmente simétrico contribuindo para o destaque dos motivos, organizados de forma harmoniosa. Resta-nos referir as composições de monogramas (pág. 35) em que os vários motivos são enquadrados em iniciais de nomes ou mesmo pequenas palavras. As letras aparecem trabalhadas num ponto em relevo (normalmente o cheio) acompanhadas por motivos florais e vegetalistas.

Remate das peças

Para além dos pontos já especificados é também importante referir o modo como as peças são rematadas. De facto, os remates usuais são:

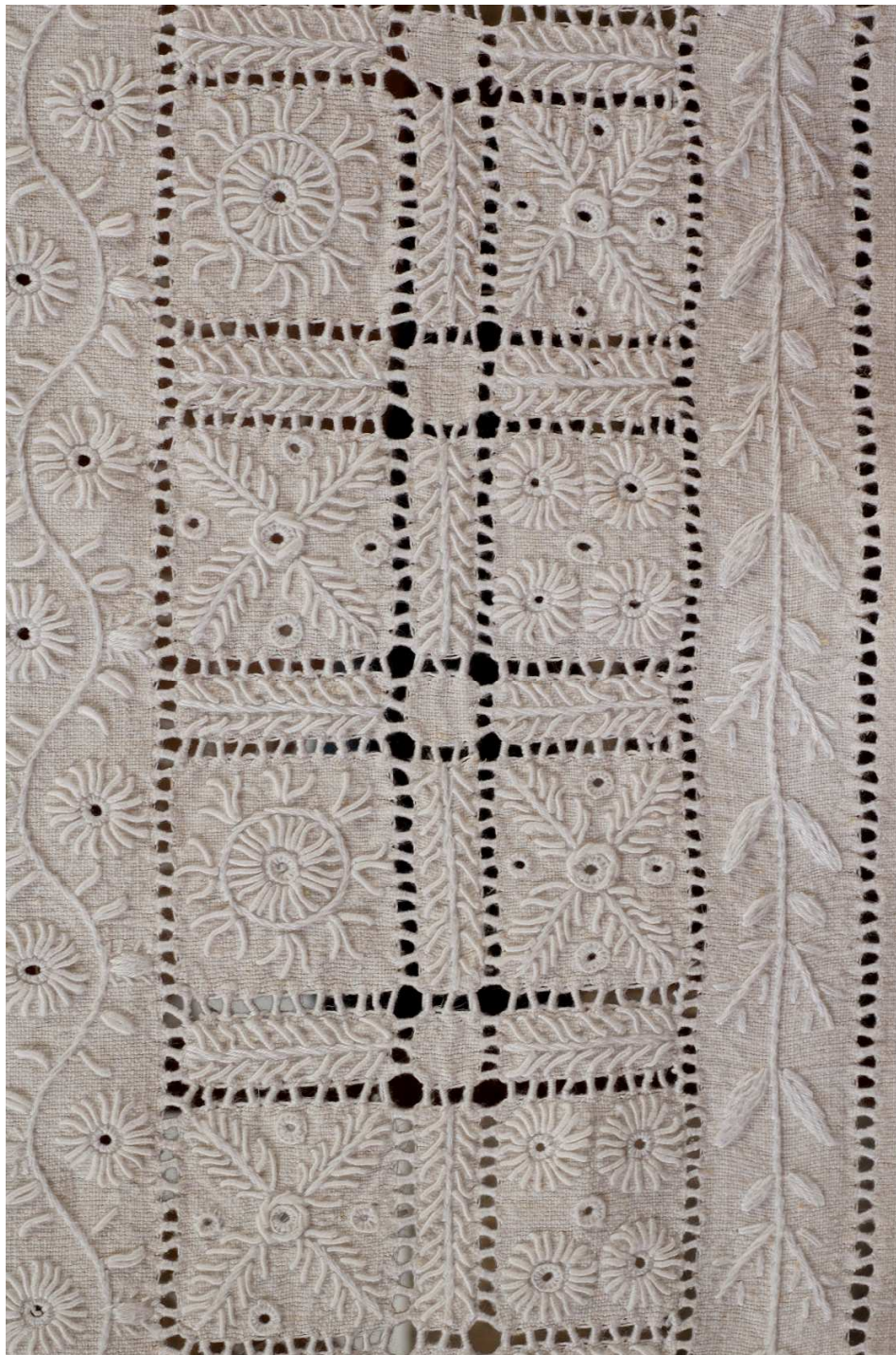
Bainha aberta, franja e picote.

Ferramentas utilizadas

Agulha, compasso (utensílio para desenhar motivos arredondados nas peças), dedal, fita métrica, furador (utensílio de metal, osso ou marfim que se emprega para fazer furos ou ilhós), lápis, papel químico (tipo de papel usado para marcar o desenho a ser bordado no suporte), papel vegetal, régua e tesoura.

Equipamentos auxiliares

Tábua de passar a ferro, ferro de engomar



Toalha de mesa, pormenor
Século XX, 3º quartel



Toalha de mesa, pormenor
Século XX, 3º quartel



Vestido de noiva
2000

Vestido de noiva
2001

7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

1. A utilização de novos tecidos, bem como a abertura cores diversas, procurando-se deste modo ajustar às novas tendências contemporâneas dos mercados e assim procurar novos rumos para o bordado de Guimarães;
2. A utilização de novas cores de fio, desde que usadas isoladamente e compondo motivos tradicionais.
3. A criação de novos motivos, desde que se apresentem estilizados e geometrizados e nas seis cores tradicionais.

Nota 1: Salvaguarda-se a aceitação de peças inovadoras desde que apenas um factor seja alterado. Se é introduzida uma nova cor na linha os motivos têm que ser os tradicionais; se existe uma inovação no desenho dos motivos a sua aplicação tem que ser executada numa das seis cores supracitadas.

Nota 2: As peças desenvolvidas dentro destas condições são consideradas na Categoria Contemporânea e têm que ser levadas à consideração da Comissão de Acompanhamento.¹

¹ Texto elaborado pela equipa do Museu de Alberto Sampaio – Isabel Maria Fernandes, Maria José Queirós Meireles, Patrícia Dias Moscoso – que acompanhou o processo de estudo e inventariação de peças com bordado de Guimarães, tendo em vista a sua certificação. Note-se que para um cabal conhecimento do bordado de Guimarães: a sua história, os seus desenhos, as suas peças, é fulcral a leitura do catálogo «Bordado de Guimarães – renovar a tradição», também editado com o apoio da ON.

Pontos

1

Areia

Ponteado simples que, usado repetidamente, origina um fundo leve.



2

Atrás

Ponto de contorno, trabalhado da direita para a esquerda, que cria uma linha de pontos contíguos, podendo ser usado em linha recta ou em curva.



3

Cadeia

Ponto que pode ser trabalhado numa única linha, em espiral ou em carreiras múltiplas, que se assemelha aos elos de uma corrente.



4

Canutilho

Ponto executado isoladamente, que resulta do enrolamento da linha em volta da agulha cinco a sete vezes, consoante o comprimento desejado para o ponto. É usado principalmente para encher ou contornar o desenho.



5

Cheio

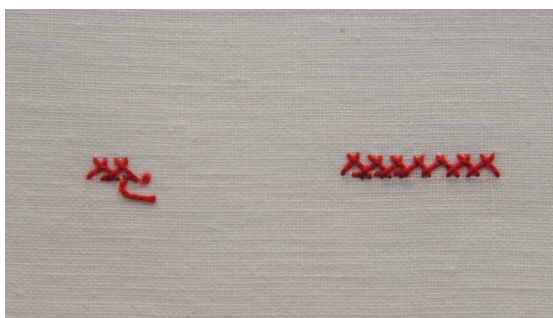
Ponto executado num conjunto de pontos paralelos muito próximos uns dos outros, apostos sobre outros pontos previamente bordados, como o ponto corrido ou de alinhavo.



6

Espinha

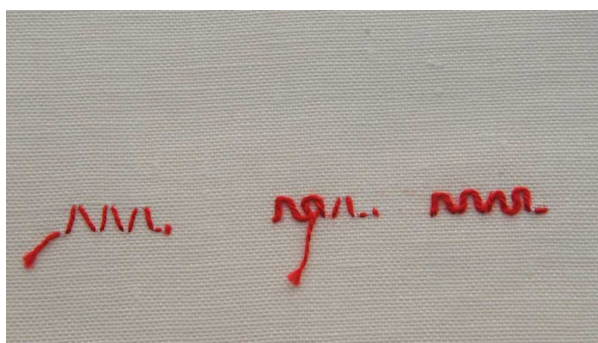
Ponto que forma um ziguezague cruzado, criando uma cercadura aberta.



7

Formiga

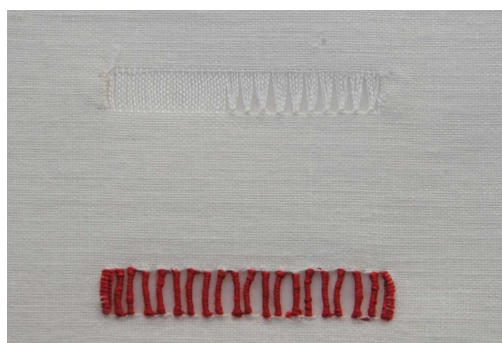
Ponto composto, feito por duas vezes, em que um primeiro fio se prende, efectivamente, ao tecido, formando um zig-zag feito em ponto lançado e o outro corre sempre por cima do tecido entrelaçado no primeiro.



8

Gradinha

Ponto de fios tirados (à trama ou à urdidura) do tecido base. Os fios restantes são agrupados em feixes e totalmente enrolados com linha de bordar formando um padrão que pode ser em escada ou em ziguezague.



9

Ilhó de recorte

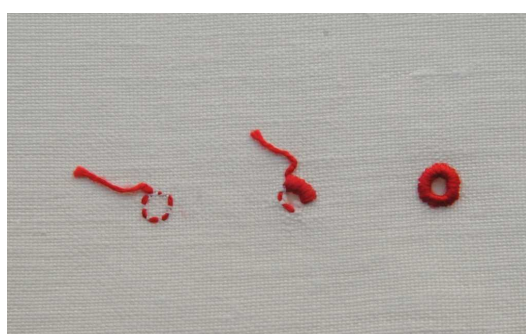
Um pequeno orifício central, o ilhó, é rematado com ponto de festão ou de cobertor



10

Ilhó de rolinho

Ponto plano, em forma de rolinho, executado à volta de um orifício circular.



11

Lançado

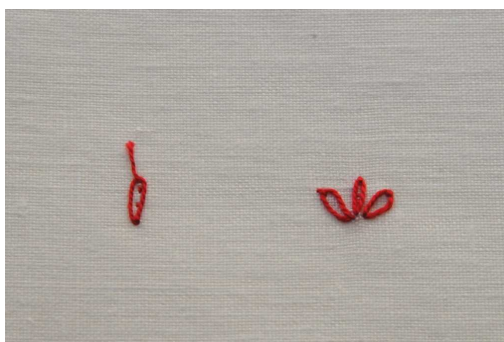
Executado num pequeno conjunto de pontos paralelos sem qualquer enchimento interior.



12

Margarida

Ponto de cadeia trabalhado isoladamente, em círculo e a partir de um ponto central, e preso com um pequeno ponto lançado numa extremidade para criar o efeito de pétala.



13

Margarida dupla

Igual ao ponto margarida simples, mas executado duplamente, criando o efeito de uma pétala no interior de outra.



14

Nozinho

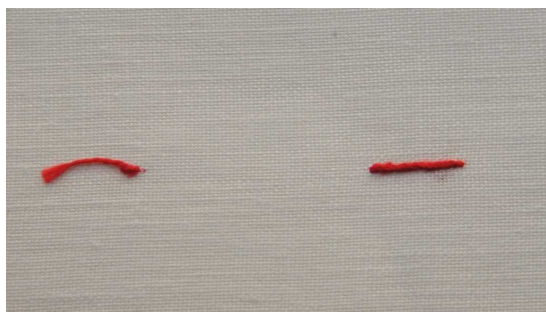
Ponto executado isoladamente, de forma arredondada e em relevo e que resulta do enrolamento da linha na agulha duas vezes. É indicado principalmente para bordar centros de flores. Este ponto também é designado de nó.



15

Pé-de-flor

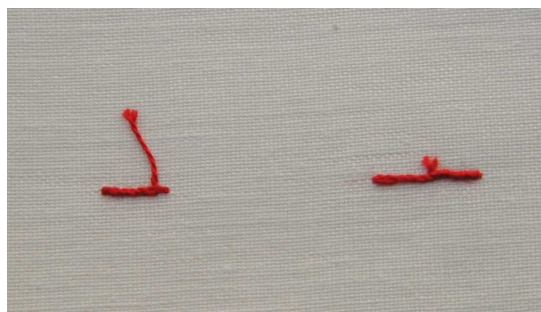
Trata-se sobretudo de um ponto de contorno, trabalhado da esquerda para a direita.



16

Pé-de-flor apanhado

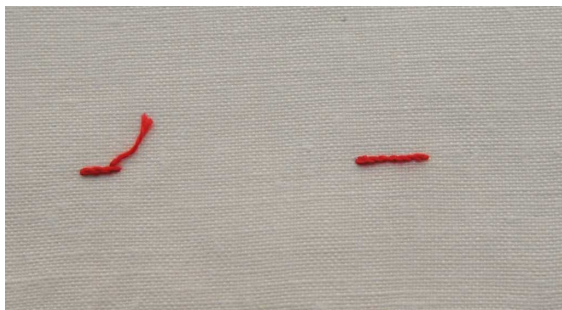
Ponto feito por duas vezes, onde na segunda passagem a agulha se enrola nos pontos previamente executados a pé-de-flor simples.



17

Pé-de-flor duplo

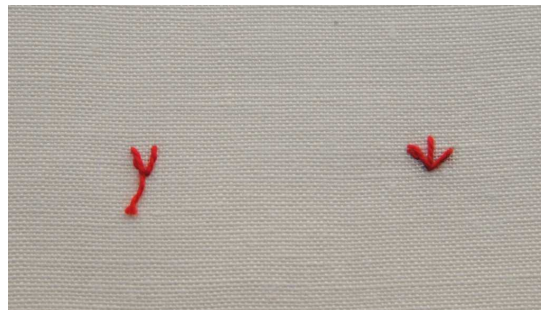
Conjunto de duas linhas de ponto pé-de-flor simples, executadas paralelamente para tornar o bordado mais volumoso.



18

Pé-de-galo

Ponto trabalhado isoladamente, mas que também pode ser feito em fila e usado como barra. Este ponto é semelhante a uma pata de galo.



19

Pena simples

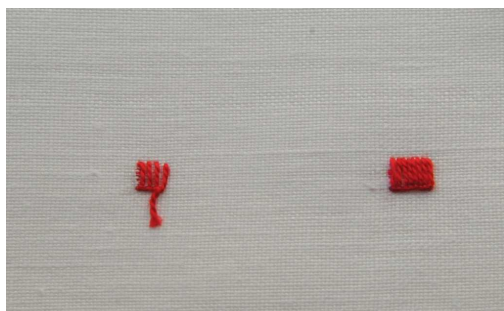
Ponto de linha leve, semelhante a uma pena, que resulta do ponto ser executado alternadamente para a esquerda e para a direita. Antigamente utilizado nos coletes de «rabos», hoje pode ser usado para barras em margens e bainhas.



20

Recorte

Ponto plano, utilizado frequentemente para criar efeito de aresta.



21

Veludo

Ponto que torna o bordado com o avesso liso e o lado de fora coberto de pêlos cerrados, curtos, formando motivos relevados.



Motivos

Os motivos usados integram-se nas seguintes tipologias:

Motivos fitomórficos e vegetalistas



Pontos pé-de-flor, canutilho, lançado, areia, cheio, (bainha em espinha)



Pontos nozinho, canutilho, pé-de-flor, cheio, (bainha em espinha)



Pontos pé-de-flor, cheio, cadeia, pena, nozinho canutilho, (bainha em espinha)



Pontos pé-de-flor, espinha, cheio, canutilho, nozinho, lançado, (bainha em espinha)



Pontos pé-de-flor; margarida, canutilho, espinha, margarida dupla, cheio, (bainha em espinha)



Pontos cadeia, areia, nozinho, pé-de-flor, cheio, canutilho, (bainha em espinha)



Pontos pé-de-flor, nozinho, cheio, pena simples, canutilho, margarida dupla, recorte, cadeia



Pontos cheio, areia, recorte, canutilho, pé-de-flor, nozinho, (bainha em espinha)

Motivos florais



Pontos cheio, nozinho, formiga, pé-de-flor, cadeia, margarida dupla, canutilho



Pontos nozinho, cheio, pé-de-flor, lançado, cadeia, canutilho, (bainha em espinha)



Pontos nozinho, canutilho, recorte



Pontos nozinho, canutilho, pé-de-flor, cadeia, cheio, (bainha em espinha)



Pontos veludo, cadeia, cheio, pé-de-flor, canutilho, (bainha em espinha)



Pontos cheio, canutilho, Nozinho, recorte, pé-de-flor duplo, (bainha em espinha)



Pontos nozinho, canutilho, pé-de-flor; cadeia, (bainha em espinha)



Pontos ilhó de rolinho, canutilho, recorte, nozinho, cheio, (bainha em espinha)

Motivos geometrizados



Pontos pé-de-flor, canutilho, lançado, ilhó de rolinho



Pontos pé-de-flor, canutilho, lançado, nozinho, ilhó de rolinho



Pontos pé-de-flor, canutilho, cadeia, lançado, nozinho

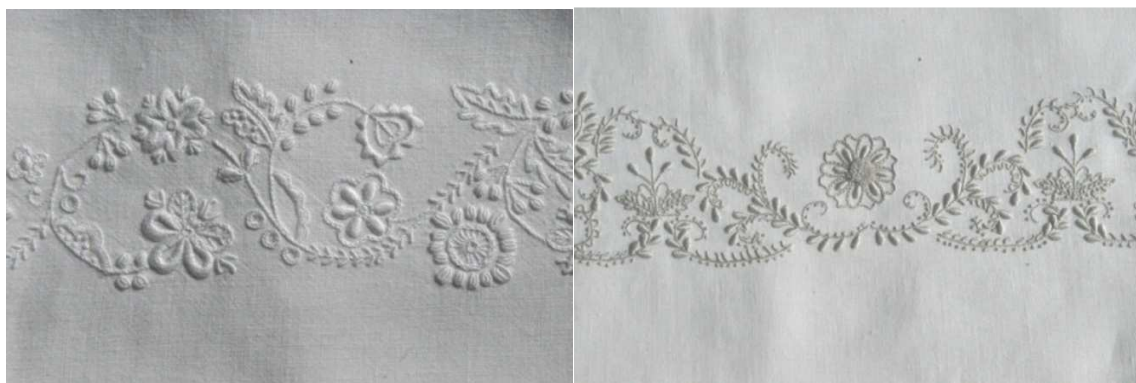


Pontos pé-de-flor, canutilho, cheio, nozinho

Composições

Podemos distinguir quatro grupos de composições:

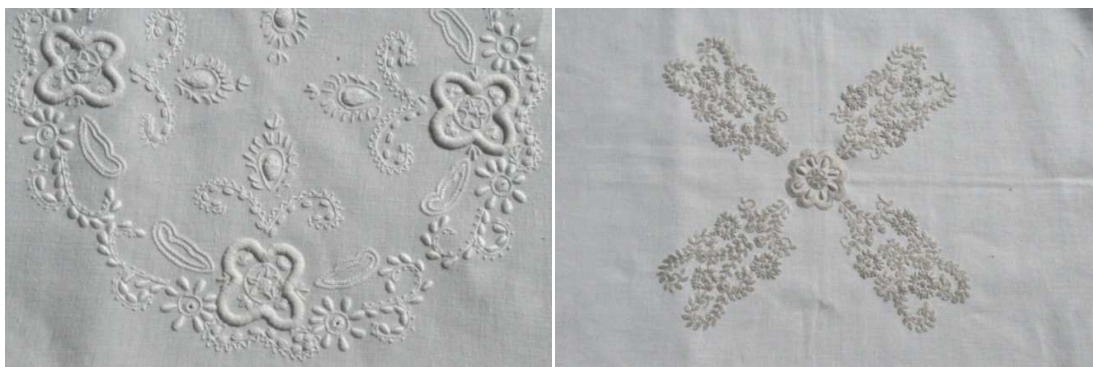
Barras





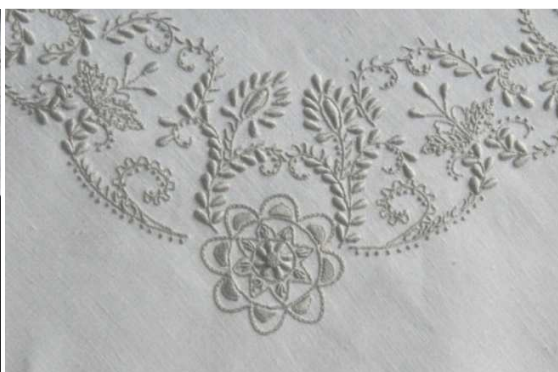


Centros





Cantos



Outros





Centro Cultural Vila Flor

Av. D. Afonso Henriques, 701

4810-431 Guimarães

Tel. 253424700

geral@aoficina.pt